

UM OLHAR OUTRO

Foi por mero acaso. Quando partia para Moçambique, pensava que teria tempo para ler. E tive. Mas ao fazer a mala, vi-me obrigado a pôr de lado alguns livros previamente escolhidos.

Um deles, adquirido quase dois anos antes numa livraria de Madrid, cujo título na montra me fez entrar, teve a sorte de caber na mala. Chama-se *Falso Testimonio - Denúncia de séculos de história anticatólica*, escrito por Rodney Stark e publicado pela Sal Terrae.

Os dez capítulos em que se estrutura a obra, apreciados no Índice, logo estimulavam a curiosidade: 1. Pecados de antissemitismo; 2. Evangelhos eliminados; 3 Perseguição dos pagãos tolerantes; 4. Impondo a Idade das Trevas; 5. Cruzadas em busca de terras, de espólio e de conversões; 6. Monstros da Inquisição; 6. Heresias científicas; 7. Bendita escravidão; 8. Santo autoritarismo; 9. Modernidade protestante.

Logo na Introdução, o autor dá-nos o seu bilhete de identidade e o que o levou a escrever esta obra: Confrontar ilustres intolerantes. E começa assim, referindo-se ao Dia de Colombo (ou Dia da Hispanidade, da descoberta da América em 1492, celebrado a 12 de Outubro): «Durante os meus anos de formação como protestante norte-americano com aspirações intelectuais, muitas vezes me perguntei porque é que os católicos celebravam com tanto entusiasmo o Dia de Colombo. Não se davam conta da ironia contida no facto de que, mesmo que Colombo fosse católico, a sua viagem de descoberta da América fez-se com a firme oposição dos bispos da Igreja Católica romana que, apoiando-se nos textos da Bíblia, afirmavam que a Terra era plana e que, portanto, qualquer tentativa de chegar à Ásia navegando para Ocidente terminaria com o desastre das naus afundando-se no abismo ao alcançar o limite do mundo?»

Essa era a informação que todos tinham dos católicos e de Colombo (...)

E que surpresa tive, muitos anos depois, ao descobrir que os motivos da oposição aos projectos de Colombo, por parte dos seus conselheiros católicos, eram bem diferentes dos que me tinham contado».

Por esta citação adivinhámos já o teor do livro. Leva séculos o anti-catolicismo. O autor propõe-se investigar as fontes para perceber se há razões objectivas para certos preconceitos ou olhares menos dignos sobre o catolicismo. Confesso que também eu, diante das clássicas acusações à Igreja católica nos temas tão do agrado de certas correntes de pensamento, como cruzadas, Galileu e Inquisição, aceitava pacificamente que os católicos não estiveram à altura das situações e de que o evangelho de Jesus foi ignorado. Hoje, depois de ler este livro, a minha reacção é outra, diferente, que diria com estas palavras: «não é tanto assim».

Suspeito que estarão a pensar e a dizer-me que falta o contraditório das afirmações deste autor. Porquê então o evoluir da minha postura, a de um aceitar pacífico o «erro histórico», para um «não é tanto assim»?

Por causa da seriedade com que o autor faz as afirmações, que fundamenta em várias fontes, todas elas citadas e baseadas em documentos que ele próprio consultou. De facto, são muitas, indo ao ponto de, para cada temática, indicar os documentos consultados, pronunciando-se ainda sobre o grau académico dos autores das obras estudadas. Mais ainda, como historiador, ele investiga os dados ou documentos que estão na origem dos clichés anticatólicos, bem como o desenvolvimento dos mesmos nos séculos seguintes, quem foram os autores que contribuíram para tal «peditório» e quais os interesses para o fazerem, sacrificando a verdade histórica.

«*Falso testimonio* é um convincente e eloquente relato de como o egoísmo e a ideologia se conjugam às vezes para nos dar uma falsa verdade», assim se pronuncia o autor do Prólogo à edição castelhana, Fernando Cortazar, Professor Catedrático de História Contemporânea. E acrescenta estas palavras assertivas: «Somos a única civilização que parece ter vergonha de si mesma. Somos a única nação que renuncia ao seu significado. O absurdo anticatolicismo que se aloja na presunção da laicidade não é um ataque a dogmas que só afectam os crentes. É uma ofensiva contra valores que determinam uma forma de viver, um conceito de pessoa, uma ideia da liberdade. É uma causa geral contra uma herança de cultura e moralidade. Tem a envergadura de um auto de fé, de um sinistro processo com intimidação intolerável do acusado». Porque vale a pena analisar de perto cada tema desenvolvido - amo mais a verdade do que a minha religião, pois esta parece bem mais perto dos humanos e aquela mais perto do divino - ficamos-nos por aqui para continuarmos nos próximos números.

O Prior - P. Abílio Cardoso

Tiragem semanal: 1000 ex.

LITURGIA DAS HORAS PARA MOÇAMBIQUE

Chegaram já a Moçambique, os primeiros livros, 19. O seu Reitor enviou já uma carta a agradecer, como segue:

Reverendo Pe. Abílio Cardoso!
Sou Pe. Joaquim Lopes Vieira, Reitor do Seminário Filosófico Interdiocesano de Santo Agostinho da Matola - Moçambique.

Acuso a recepção de 19 Breviários novos, que vossa Reverência mandou para o Seminário, através da Imã Alice, da Congregação de Santa Doroteia. Em nome de toda comunidade formativa e em meu nome próprio, agradeço-lhe esta valiosa oferta, que certamente irá devolver a nossa dignidade litúrgica, nas nossas celebrações. Os nossos agradecimentos são extensivo para todos os que de boa vontade deram o seu contributo para a aquisição dos Breviários. MUITO OBRIGADO! Prometemos rezar pelos seus projectos.

Pe. Joaquim Lopes Vieira, Reitor

Entretanto, informamos que foram recebidos 2.280,00 euros, pelo que faltam 1.160,00 euros para podermos satisfazer o pedido. Quem ainda não colaborou, pode ainda fazê-lo, entregando o custo de um livro, 20 euros.

NO III DOMINGO SALICUS EM MANHENTE

«A música é para preencher o silêncio, necessitamos de refletir sobre o silêncio». Parece que vivemos num mundo onde há uma certa «fobia ao silêncio», temos que sentir algum barulho, o vazio parece que nos angustia. Citando Mahler, o palestrante afirmou: «a música existe para decorar o silêncio», não para o suprimir». Citando o trompetista Miles Davis, referiu: «a verdadeira música é o silêncio». «O coro não só ajuda a assembleia a cantar, mas é um pedagogo do silêncio da assembleia. O coro deve ser um pedagogo da aprendizagem do silêncio da assembleia», disse.

Helmeneildo Faria, in DM 06.03.2020

Entender a vontade de Deus nem sempre é fácil, mas crer que ele está no comando e tem um plano para nossa vida, faz a caminhada valer a pena.



Foi sugerido aos comerciantes de Barcelos que assinalassem este tempo da Quaresma, particularmente por ocasião da Procissão dos Passos, com elementos alusivos à paixão de Cristo. Aqueles que o fizeram, o nosso agradecimento.

Para registo, fica a foto da montra do Cartório Paroquial, gentileza do bom gosto da paroquiana Maria das Dores, que agradecemos.



Construir

Boletim Paroquial de Santa Maria Maior - Barcelos

Ano XVI - Nº 12 - 22 de Março de 2020

Rua D. António Barroso, 116, 4750-258 Barcelos. Tel. 253 811 451, Telm. 966 201 411, email: paroquiadebarcelos@sapo.pt

Web: paroquiadebarcelos.org - Facebook: www.facebook.com/paroquiadebarcelos/

CRER é bem mais que VER

Na experiência humana dizemos que «o pior cego é aquele que não quer ver». Na óptica da fé, dizemos que «só não crê quem não quer». Porque dom de Deus, a fé é oferta que implica de nós a aceitação e a estima pelo dom recebido.

Na meditação sobre Deus como Bom Pastor, que traça o livro de Samuel (16, 1.6-7.10-13), aponta-se a diferença entre o olhar dos homens e o de Deus: «Os homens olham para as aparências mas Deus vê o coração». Na linguagem bíblica, o «coração» é a sede da vontade e da coragem. David, o mais jovem dos filhos de Jessé de Belém, é o eleito de Deus que Samuel irá consagrar como rei de Israel, sucedendo a Saul. Dessa linhagem irá nascer Jesus, o verdadeiro Pastor e Rei do novo Povo de Deus.

Aquele que veio «para dar vista aos cegos» encontra-se diante de um cego de nascença, desejoso de ver, que aceita a ordem de ir lavar-se na piscina de Siloé. Diz o evangelista João que «ele foi, lavou-se e ficou a ver». E avança, de imediato, para a diátribe entre os judeus que discutem a cegueira e a intocabilidade do sábado, expressão da cegueira bem maior dos judeus. Estes ficam reféns da lei, segundo a qual Jesus não poderia recriar uma vida (o lodo da terra evoca a criação), restituindo a vista ao cego. E enquanto este reconhece que Jesus é de Deus, que vem de Deus, os judeus recusam-se a avançar na aventura da fé - que significaria ler os sinais que Jesus lhes dava no seu agir, que correspondiam ao anunciado pelos profetas - reconhecendo que o cego estava a ver pela acção de Jesus e seguindo os ensinamentos com os quais Jesus os convidava a avançar nos caminhos do Messias. Porque não o fizeram, os judeus permaneceram cegos, no seu pecado. Livres e convidados a seguir Jesus, preferiram «escudar-se» nas suas seguranças conhecidas em vez de avançar com Jesus. Tal como nós hoje: preferimos as nossas «zonas de conforto» e, na cegueira do ter, poder e parecer, não conseguimos ver (=crer) as maravilhas de Deus.

O Prior - P. Abílio Cardoso

COVID-19: ORAÇÃO PARA PEDIR AJUDA, CONFORTO E SALVAÇÃO

Deus Pai, Criador do mundo, onipotente e misericordioso, que por nosso amor enviaste o teu Filho ao mundo como médico dos corpos e das almas, olha para os teus filhos

que neste momento difícil de desorientação e consternação em muitas regiões da Europa e do mundo se voltam para Ti em busca de força, salvação e alívio.

Livra-nos da doença e do medo, cura os nossos doentes, conforta os seus familiares, dá sabedoria aos nossos governantes, energia e recompensa aos médicos, enfermeiros e voluntários, vida eterna aos defuntos. Não nos abandones neste momento de provação, mas livra-nos de todo o mal.

Tudo isto Te pedimos, ó Pai que, com o Filho e o Espírito Santo, vives e reinas pelos séculos dos séculos. **Ámen.**

Santa Maria, Mãe da saúde e da esperança, roga por nós!

Bispos da Europa - CCEE - Conselho das Conferências Episcopais da Europa e COMECE - Comissão dos Episcopados da União Europeia

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA A QUARESMA 2020

(a publicar por partes)

«Em nome de Cristo, suplicamo-vos: reconciliai-vos com Deus» (2 Cor 5, 20)

4. Uma riqueza que deve ser partilhada, e não acumulada só para si mesmo

Colocar o Mistério pascal no centro da vida significa sentir compaixão pelas chagas de Cristo crucificado presentes nas inúmeras vítimas inocentes das guerras, das prepotências contra a vida desde a do nascituro até à do idoso, das variadas formas de violência, dos desastres ambientais, da iníqua distribuição dos bens da terra, do tráfico de seres humanos em todas as suas formas e da sede desenfreada de lucro, que é uma forma de idolatria.

Também hoje é importante chamar os homens e mulheres de boa vontade à partilha dos seus bens com os mais necessitados através da esmola, como forma de participação pessoal na edificação dum mundo mais justo. A partilha, na caridade, torna o homem mais humano; com a acumulação, corre o risco de embrutecer, fechado no seu egoísmo. Podemos e devemos ir mais além, considerando as dimensões estruturais da economia. Por este motivo, na Quaresma de 2020 - mais concretamente, de 26 a 28 de março -, convoquei para Assis jovens economistas, empresários e agentes de mudança (changemakers), com o objetivo de contribuir para delinear uma economia mais justa e inclusiva do que a atual. Como várias vezes se referiu no magistério da Igreja, a política é uma forma eminente de caridade (cf. PIO XI, Discurso à FUCI, 18.12.1927). E sê-lo-á igualmente ocupar-se da economia com o mesmo espírito evangélico, que é o espírito das Bem-aventuranças.

Invoco a intercessão de Maria Santíssima sobre a próxima Quaresma, para que acolhamos o apelo a deixarmos-nos reconciliar com Deus, fixemos o olhar do coração no Mistério pascal e nos convertamos a um diálogo aberto e sincero com Deus. Assim, poderemos tornar-nos naquilo que Cristo diz dos seus discípulos: sal da terra e luz do mundo (cf. Mt 5, 13.14).

Papa Francisco, 7 de outubro de 2019, Memória de Nossa Senhora do Rosário

A VIDA DO POVO DE DEUS TORNADA ORAÇÃO
IV DOMINGO DA QUARESMA
**O Senhor é meu pastor:
nada me faltará**
Segunda, 23 – Leituras: Is 65, 17-21
Jo 4, 43-54

Terça, 24 – Leituras: Ez 47, 1-9. 12
Jo 5, 1-3a. 5-13

Quarta, 25 – Anunciação do Senhor
Leituras: Is 7, 10-14
Hebr 10, 4-10
Lc 1, 26-38

Quinta, 26 – Leituras: Ex 32, 7-14
Jo 5, 31-47

Sexta, 27 – Leituras: Sab 2, 1a. 12-22
Jo 7, 1-2. 10. 25-30

Intenções das missas a celebrar na Matriz

(Segunda a Sábado: 19.00 / Domingo: 11.00 e 19.00)

Segunda, 23 – Maria Cândida Barbosa da Costa

Terça, 24 – Francisco Duarte Carvalho

Quarta, 25 – Manuel João Jesus Amaral

Quinta, 26 – *Intenções colectivas:*

– António Manuel Godinho Meira

– Família Vilas Boas

– Luís Soares, Alzira da Silva Carvalho e filho Manuel

– Aires Marques e esposa Barcelice de Jesus Cordeiro

– Alberto Augusto da Silva Leal Pinto, irmã e pais

Sexta, 27 – Maria do Carmo Sousa Faria

Sábado, 28 – *Intenções colectivas:*

– Leonel da Quinta Fernandes

– Silvestre Martins Coutada, esposa Adelaide e filho Custódio

– Henrique Silva Mota Faria

– Glória Gomes Ferreira (30º dia)

– Agostinho Salgado Alves (30º dia)

Domingo, 29 – 11.00 – Missa pelo povo


Uma coisa eu aprendi na vida:
Deus não te tira as coisas,
Ele te livra delas.

Sábado, 28 – Leituras: Jer 11, 18-20
Jo 7, 40-53

DOMINGO, 29 – V DA QUARESMA
Leituras: Ez 37, 12-14
Rom 8, 8-11
Jo 11, 1-45

A DIMENSÃO «EXEQUIAL» DA EXISTÊNCIA CRISTÃ

- Desde o início, a nossa vocação é sair. A primeira saída é a do ventre materno. A última saída é para a eternidade. Entre estas duas saídas, a nossa vida decorre numa constante saída e, nessa medida, em contínuo nascimento.
- É por isso que viver mais do que «aprender a morrer» – como defendia Montaigne – é reaprender a nascer. E por aqui se vê que é na morte que – verdadeiramente – acabamos de nascer.
- Não espanta, por conseguinte, que a tradição cristã descreva o último dia como «dies natalis», isto é, como dia de nascimento. Trata-se do novo – e definitivo – nascimento. Daí que a maioria dos santos seja celebrada no dia da sua morte. Ou seja, no dia em que se assinala o seu perene nascimento.
- As celebrações que precedem o enterramento do corpo chamamos «exéquias». Humanos como somos, costumamos verter todo o nosso pesar por aqueles que partem. Até Jesus chorou quando foi informado da partida do «Seu amigo» Lázaro (cf. Jo 11, 35-36).
- Acontece que a raiz etimológica de «exéquias» aponta para «seguir». Segundo os peritos, «exéquias» deriva de «ex»+«sequi», isto é, «seguir para fora». Reparando bem, isto vale não apenas para o último momento, já que estamos sempre a ser chamados a «seguir para fora».
- Estamos sempre a ser chamados a «seguir para fora» de nós, para fora do nosso «eu». Ninguém como Jesus faz tal apelo de forma tão insistente: «Segue-Me» (cf. Mt 8,22; 9,9; 19,21; Mc 2,14; 10,21; Lc 9,59; 18,22; Jo 1,43; 21,19).
- São muitos os que percebem que, só seguindo Jesus, a existência ganha sentido e felicidade. Assim como Jesus segue a vontade do Pai (cf. Jo 4, 34), é nossa missão seguir sempre a vontade de Jesus.
- É esta a dimensão «exequial» da existência cristã: «seguir para fora», seguir Jesus. Ele deixa-nos o legado de uma vida inteiramente doada. Só nos realizamos quando seguimos Jesus com os nossos irmãos.
- Por tal motivo, não se pode ser cristão sozinho, ensimesmado. A própria componente pessoal da opção livre de cada um envolve a abertura aos outros que também se dispõem a seguir Jesus.
- E é deste modo que estamos sempre a nascer. Do princípio até ao fim, estamos continuamente a «seguir para fora de nós», ao encontro de Jesus. Não tenhamos medo da dimensão «exequial» da nossa fé. Seguir Jesus liberta-nos da prisão que mais nos pode tritar: o nosso «eu».

João António Pinheiro Teixeira, In DM 17.03.2020

A LITURGIA ESTÁ DOENTE


Esta afirmação provocatória é da autoridade máxima na área da Liturgia da Igreja, logo a seguir ao Santo Padre, o cardeal Robert Sarah, prefeito da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. No seu belo livro, "A Força do Silêncio", contra a ditadura do barulho, com perguntas de

Nicolas Diat e a participação de Dom Dymas de Lassus, prior da grande Cartuxa e prior geral da Ordem dos Cartuxos, fundada por S. Bruno em 1084, afirma a tempo e a contratempo, que o silêncio é uma atitude de alma, é um rito de per si, não apenas uma pausa entre dois ritos. Deus fala no silêncio. Deus é silêncio sonoro. O silêncio é a linguagem própria do mistério. Não basta ter ouvidos, é necessário um coração disponível, uma vontade disciplinada, uma memória alimentada, uma atitude de assombro, contemplação e adoração. A liturgia é mediação, é serva, é serviço de Deus, é para nos levar, mais longe, mais alto, onde não podemos ir por nós e a sós. É dom e tarefa. Continuamente é chamado a passar do visível ao invisível, do rito ao mistério, do sensível ao espiritual, do sinal ao significado, do que vê para o que acredita, do natural ao sobrenatural. Diz o citado autor «que o sintoma mais evidente dessa doença é talvez a omnipresença do microfone, que se tornou tão indispensável que ficamos a pensar em como puderam os sacerdotes celebrar antes da sua invenção... Tenho a impressão que os celebrantes recebem a tal ponto a oração interior possível e livre dos fiéis, que falam do princípio até ao fim da cerimónia para não perderem o controlo sobre ela». Podemos ficar na liturgia espetáculo, nos ritos, cantos com alguma beleza e qualidade, mas sem levar ao mistério, à comunhão, a alimentar a fé. Pode acontecer numa grande missa ritualmente bem preparada, o que acontece, por vezes, nos encontros de catequese: houve informação, até formação, algum conhecimento, mas não se transmitiu a fé, não se encontrou em comunhão com Deus. «O silêncio coloca o problema da essência da liturgia. Ora esta última é mística. Os orientais falam com razão da "divina liturgia" e de "santos mistérios". Enquanto abordamos a liturgia com um coração barulhento, ela terá um aspeto superficial e humano. O silêncio litúrgico é uma disposição radical e essencial: é uma conversão do coração. Mas o verdadeiro silêncio é o silêncio das nossas paixões, o coração purificado das pulsões carnis, o coração lavado de ódios e rancores, orientado para a santidade de Deus». O Concílio previu tempos de silêncio durante o sacrifício eucarístico: na preparação e condução do ato penitencial; na coleta; pode ser oportuno guardar momentos de silêncio, adaptados à assembleia reunida depois da primeira e da segunda leitura e no fim da homilia. Sob a inspiração do Espírito Santo, assim se acolhe no coração a palavra de Deus e se prepara a resposta pela oração. A homilia deve ser assimilada num ambiente de oração. Importante o silêncio antes e depois da sagrada comunhão. Por vezes o canto de ação de graças pode dar lugar a um silêncio mais prolongado, em especial, se a celebração foi muito barulhenta. Silêncio também depois da oração após a comunhão. «É triste e quase um sacrilégio, ouvir por vezes sacerdotes e bispos conversarem continuamente na sacristia e mesmo durante a procissão de entrada em vez de se recolherem e de contemplarem em silêncio o mistério da morte de Cristo na cruz, que estão prestes a celebrar e que devia inspirar-lhe apenas admiração e estremecimento». É necessário chegar-se à celebração antes dela começar, para ambientação e passar do barulho ao silêncio, da dispersão à concentração, do rito ao encontro com Deus, contigo mesmo e com os irmãos.

António Aparício, In Notícias de Beja, 10.10.2019

OFERTAS PARA BOLETIM

Pedimos a colaboração generosa para com o Boletim, que é distribuído gratuitamente.

- Anónimo – 20,00
- Família n.º 180 – 20,00

TOTAL DA SEMANA – 40,00 euros
A transportar: 20.938,95 euros
Despesas até agora: 30.705,36 euros

 Carta aos Paroquianos, habitual antes da Páscoa. É enviada a todas as famílias inscritas na Paróquia. Tem informações sobre o Contributo Penitencial que cada família deve entregar antes da Páscoa e uma mensagem de esperança, nestes tempos conturbados que estamos a viver, que nos priva da Eucaristia. Sugue também *O Dia Santificado*, um pequeno livrinho com várias orações que pode ajudar na oração em família.

COVID-19: ECCLESIA FAZ EMISSÃO CONTÍNUA EM VÍDEO COM CELEBRAÇÕES E PROGRAMAS

A Agência ECCLESIA tem disponível em cada dia uma grelha contínua de programação vídeo com transmissão em direto de celebrações da Eucaristia, da Liturgia das Horas e do Terço, assim como episódios de grande reportagem e documentários. Para além das emissões regulares, no na RTP2, pelas 15h00, retransmitidas também nas redes sociais da marca Ecclesia, retomamos programas Ecclesia e 70x7 "para ver e ouvir a qualquer hora", sugerindo a emissão no facebook e no portal da Agência ECCLESIA.

Neste primeiro dia, é possível ver:

13h00 – Feitor Pinto: Uma missão com 88 anos. O Padre Vitor Feytor Pinto é o exemplo de uma vida marcada pela energia e pelo otimismo. Características alimentadas por uma fé sem a qual não concebe a existência. O testemunho de um sacerdote que conjuga a alegria e a experiência do sofrimento num testemunho de Evangelho.

14h00 – Os Frades do Varatojo: desde os primórdios do franciscanismo em Portugal. Junto a Torres Vedras situa-se a comunidade franciscana mais antiga em Portugal. Em Varatojo há um convento habitado há mais de 500 anos. Mandado construir por D. Afonso V, é a casa dos que seguiram o exemplo de S. Francisco e que transmitem ao mundo a alegria e a simplicidade do santo de Assis.

16h00 – Conhecer o Paço do Algarve. Sem sair de casa, venha conosco conhecer o Paço Episcopal de Faro. A residência do bispo do Algarve é um recanto de arte e de história. Uma visita guiada pelo dono da casa.

17h00 – Cuidar casa comum: um desafio de todos os dias. As preocupações ambientais não podem ficar esquecidas nestes dias diferentes. Ficam exemplos de quem assume esta causa e transforme hábitos de vida para cuidar do planeta.

 Para além destas reportagens, que é possível rever a qualquer hora em [YouTube.com/agenciaecclesia](https://www.youtube.com/agenciaecclesia) ou [Facebook.com/agenciaecclesia](https://www.facebook.com/agenciaecclesia), ao longo do dia são transmitidas as seguintes celebrações

08h30 – Laudes do Carmelo de São José, em Fátima

11h00 – Missa do Santuário de Fátima

12h00 – Missa da Capela do Grupo Renascença Multimédia

18h00 – Missa do Paço Arquiepiscopal de Braga

19h15 – Missa do Santuário de Fátima

21h30 – Rosário do Santuário de Fátima

A transmissão das celebrações em direto vão sendo diversificando em cada dia, mediante a multiplicidade de "templos" e liturgias que habitam o ambiente digital, assim como os documentários.

 Ao fim de cada dia, prepara-se e divulga-se a grelha de emissões do dia seguinte, para seguir na rede social Facebook da Agência ECCLESIA e no portal de notícias, em www.agencia.ecclesia.pt

In Ecclesia, 17.03.2020